

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO GUERREIRO LUSITANO ROMÂNTICO EM *A MORTE DO LIDADOR DE ALEXANDRE HERCULANO*

RODRIGO SANTOS DE OLIVEIRA*

RESUMO

Em 1851 Alexandre Herculano, uma das maiores expressões do Romantismo lusitano, publicou a obra *Lendas e Narrativas*. Nesta época, Portugal era apenas uma sombra das antigas glórias das Casas de Borgonha e Avis que haviam conquistado o mundo quatro séculos no passado. Em decadência desde a queda de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir (1578), tendo perdido sua independência aos espanhóis (1580-1640), sendo invadida novamente por espanhóis aliados aos franceses (1808-1812), em grave crise econômica desde a perda da sua colônia americana (1822), em crise política depois da Guerra Civil (1828-1834) e tentando se reorganizar como uma monarquia liberal, seus intelectuais buscavam no passado uma imagem idealizada para reconstrução social e política. Dessa forma, o Romantismo, enquanto movimento literário, surgia como um instrumento para a edificação do nacionalismo lusitano. Dentro desta perspectiva, Alexandre Herculano vai utilizar como pano de fundo uma imagem idílica do período áureo da Reconquista Cristã da Península Ibérica e a formação do Reino de Portugal. No presente artigo, analisaremos o conto *A Morte do Lidador*, na qual o autor apresenta a imagem do guerreiro lusitano, que tinha sua força baseada na união racial entre o romano e o germânico, em sua luta pela defesa do território diante dos invasores muçulmanos do Norte da África.

PALAVRAS-CHAVE: Romantismo; Romantismo português; Alexandre Herculano; A morte do Lidador; História de Portugal.

ABSTRACT

In 1851 Alexandre Herculano, one of the greatest expressions of the Portuguese Romanticism, published the book *Legends and Narratives*. At that time, Portugal was just a shadow of the former glories of the Houses of Burgundy and Avis who had won the world four centuries in the past. In decline since the fall of Don Sebastian in Battle of Alcacer Quibir (1578), having lost its independence to the

* Professor adjunto dos cursos de Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: oliv.rod@hotmail.com

Spanish (1580-1640), being invaded again by Spanish allied to the French (1808-1812), in serious economic crisis since the loss its American colony (1822), in political crisis after the Civil War (1828-1834) and trying to reorganize as a liberal monarchy, its intellectuals sought in the past to an idealized image for the social and political reconstruction. Thus, Romanticism, as a literary movement, emerged as an instrument for the building of the Portuguese nationalism. From this perspective, Alexandre Herculano will use the backdrop of an idyllic image of the golden period of the Christian Reconquest of the Iberian Peninsula and the formation of the Kingdom of Portugal. In this paper, we will analyze the short story *The Death of Lidador*, in which the author presents the image of the Lusitanian warrior who had their strength based on racial unity between the Roman and Germanic in its struggle to defend the territory against Muslim invaders from the North of Africa.

KEYWORDS: Romanticism; Portuguese romanticism; Alexandre Herculano; The Death of the Lidador; History of Portugal.

QUANDO A LITERATURA E A POLÍTICA CONVERGEM

Compreender a recepção de um texto literário é uma tarefa difícil de ser realizada. Isso ocorre por uma série de fatores que faz a tarefa quase que impossível. No entanto, podemos buscar perceber elementos que podem nos aproximar a entender a “intenção” de quem compôs o texto.

Se parafrasearmos John Donne observamos que nenhum escritor é uma “ilha isolada” e que todos fazem parte do “todo”, ou seja, da sociedade. Por essa razão, podemos perceber os valores sociais da época do autor. Portanto, o contexto de vida de um autor é fundamental para analisar sua obra e sua sociedade.

Mesmo obras que aparentemente não apresentem uma intenção política podem revelar-se imersas no político. Vamos pegar, por exemplo, uma obra que jamais seria compreendida plenamente sem o conhecimento do contexto da vida do autor. No caso, nos referimos à *Guerra dos Mundos* de H. G. Wells.¹ Aparentemente, uma obra de ficção científica no âmbito do

¹ O texto original de *A Guerra dos Mundos* foi publicado em capítulos separados na revista Pearson em 1897. No ano seguinte foi compilada e publicada em um único volume. Sobre H. G. Wells é interessante notar que seu posicionamento político socialista não é levado em consideração quando sua obra é analisada. O fato de produzir dentro do gênero fantástico da ficção científica, considerado por muitos como “apolítico” pode ser um dos elementos centrais desse esquecimento. Porém, sua produção é marcada por referências políticas e críticas ao próprio desenvolvimento científico.

fantástico. Porém, o que poucos sabem é que Wells compôs a obra como uma denúncia do imperialismo britânico, na qual tentou mostrar à sociedade vitoriana como as forças inglesas agiam nos territórios coloniais, desde sua conquista à escravidão dos povos autóctones da África, Ásia e Oceania. No caso específico, valeu-se da fantasia para tentar gerar a empatia em sua sociedade. Não podemos aferir como essa “parábola” foi recebida ou até mesmo recebida pelos ingleses, mas sabemos que Wells tentou a partir de sua obra criar uma denúncia.

Desse exemplo decorrem três outras reflexões. Uma é a *intencionalidade*, na qual podemos tentar analisar as intenções do(a) autor(a) com determinado texto. A segunda é a *politização* de um texto, na qual os valores sociais do autor se fazem presentes em maior o menor grau na composição do texto. A terceira é a *vivência* do(a) autor(a), ou seja, sua escrita será um reflexo do cotidiano ao qual está inserido(a).

Se analisarmos friamente estes três fatores direta ou indiretamente estão vinculados ao político. Claro, não estamos analisando em uma lógica político-partidária, mas entendendo o político de forma mais ampla.

Da mesma forma, a Teoria da Literatura não pode eximir-se de uma reflexão política em suas análises levando em consideração o contexto de produção de um(a) autor(a) e os valores sociais e políticos da época.

Aqui, desnuda-se o elemento fundamental da reflexão de Terry Eagleton sobre a *Crítica Política*, vinculada diretamente à *ideologia*.

De Percy Bysshe Shelley a Norman N. Holland, a teoria literária está indissoluvelmente ligada às crenças políticas e aos valores ideológicos. Na verdade, a teoria literária é, em si mesma, menos um objetivo de investigação intelectual do que uma perspectiva na qual vemos a história de nossa época. Tal fato não deveria provocar surpresa, pois qualquer teoria relacionada com a significação, valor, linguagem, sentimento e experiência humanos, inevitavelmente envolverá crenças mais amplas e profundas do ser e da sociedade humanos, problemas de poder e sexualidade, interpretações da história passada, versões do presente e esperanças para o futuro. (EAGLETON, 1983, p. 2010)

O autor ainda vai mais longe ao afirmar que a teoria da literatura “pura” e desconectada de questões políticas e ideológicas é um “mito acadêmico”. Claro, assim como as “leis” sociais se fazem

presentes na construção de um texto literário, também a própria construção da crítica literária – enquanto ato intelectual e científico das Ciências Humanas – é um esforço de interpretações subjetivas, na qual a escolha de temas, objetos, fontes, teorias e metodologias são escolhas pessoais do(a) pesquisador, envolvido com os princípios acadêmicos da época em que a pesquisa foi concebida.

Jean Paul Sartre já apontava em 1948 em sua obra *O que é literatura?* Uma relação direta entre Literatura e Política, tanto no âmbito da produção do texto literário como da crítica. Como podemos perceber a relação entre estas duas áreas é inseparável.

Como analisaremos abaixo é impossível dissociar a produção de Alexandre Herculano das questões políticas de seu tempo. O conto *A morte do Lidador* que serve de base para esse artigo é um exemplo e tentaremos refletir sobre essas questões. Claro que poderíamos pegar outros contos presentes em *Lendas e narrativas* ou mesmo de seus romances como *Eurico, o presbítero* ou *O Bobo*.

BREVE HISTÓRIA DE UM POVO QUE CONQUISTOU O MUNDO

Para quem olha o mundo atual pode passar despercebido, mas ele está marcado pela ação de um pequeno país: Portugal. Não são poucas as suas contribuições: A divisão geopolítica em Estados como concebemos hoje foi um advento português, ao formar o Reino de Portugal em 1139. A Globalização que é uma realidade atualmente teve seu início com a Expansão Ultramarina Lusitana. A partir de sua expansão tornou-se a primeira grande potência militar, política e econômica do mundo, transformando Portugal no primeiro império global, com possessões na América, África, Ásia e Oceania.

Além disso, desde a Antiguidade a região que viria formar a Portugal moderna teve um papel destacado. Os antigos lusitanos – povo de origem celta – resistiram aos fenícios e, principalmente aos cartagineses. Diante da invasão romana no século I a.C., Roma teve que enviar seus dois principais generais, Júlio César e Pompeu, sendo que a resistência lusitana só foi quebrada quando Viriato, comandante dos lusitanos foi envenenado a mando de César. Este que utilizou o ouro das minas lusitanas para financiar a conquista da Gália (58-52 a.C.) e, posteriormente derrotar Pompeu na Segunda Guerra Civil Romana (49-45 a.C.).

A partir de então, a região foi englobada pelos romanos, onde fundaram um importante entreposto comercial, com a criação de um

porto, chamado *Portus Cale* (porto belo, atualmente existe no local a cidade do Porto), que está na genealogia do próprio nome Portugal.²

Posteriormente, povos germânicos federados ao Império romano ocuparam a Península Ibérica, principalmente os visigodos. Iniciava-se ali a união entre o gótico (germânico) e o romano. Entre 418, passando a queda de Roma em 476, até a invasão muçulmana em 711, os germânicos romanizados e cristianizados dominaram o território.

Refugiando-se ao extremo norte da Península Ibérica, os cristãos conseguem sua primeira vitória apenas em 722 na Batalha de Covadonga, liderados por Pelaio, do Reino das Astúrias. Aliás, Alexandre Herculano, em *Eurico, o presbítero*, traça paralelos entre as estratégias de Pelaio para vencer os muçulmanos com aquelas utilizadas por Viriato para derrotar os romanos.³

Cerca de 150 anos após Covadonga, o Condado Portucalense florescia levando à formação de Portugal e a completa expulsão dos muçulmanos em 1168. A partir daí começa o surgimento de uma classe de comerciantes, tendo como principal atividade a pesca e o comércio de peixes. Com isso, rapidamente vão dominando técnicas de navegação, que inicia com a cabotagem e a adaptação de conhecimentos náuticos europeus, mediterrâneos e árabes.

No século XIV as bases para a expansão ultramarina já estão organizadas. Porém, são apenas as necessidades de cereais para abastecer a população lusitana⁴ e de metais preciosos para manter a estrutura comercial⁵ que impulsiona os portugueses a lançar-se

² Na época dos godos, a palavra Portucale era utilizada pelos germânicos para denominar a região, muito provavelmente os ocupantes federados aos romanos adaptaram o nome Portus Cale. Após a conquista muçulmana e a resistência cristã, a região em 868 d.C., era chamada de Portucale e dessa denominação emergiu o Condado Portucalense. Em 1139, os portucalenses, após guerras contra Leão, Castela e os muçulmanos fundam o Reino de Portugal, tendo seu reconhecimento oficial apenas 40 anos mais tarde em 1179.

³ *Eurico, o presbítero* narra de forma romanceada dois momentos chave da Península Ibérica no século VIII: o primeiro é a desestruturação - e a queda - do reino visigodo diante da invasão muçulmana e o segundo a estruturação do reino das Astúrias, da qual, posteriormente viria a se formar o Condado Portucalense, Castela e Aragão.

⁴ Portugal tinha um violento déficit de cereais, tendo em vista sua população crescente e as constantes quebras de colheita que assolavam a Europa nos séculos XIV e XV. Só no século XV foram vinte quebras de colheitas. Tanto que a escolha de Ceuta como “alvo” para a primeira aventura “além mar” deveu-se ao fato de ser um importante centro produtor de cereais.

⁵ Desde o século XIII a Europa vivenciava um ressurgimento comercial. No entanto, havia um grande déficit de metais preciosos para cunhar as moedas para o comércio.

para a conquista dos mares.⁶

O século XV marcou-se pela consolidação das bases através da expansão de entrepostos comerciais no continente africano até que o Cabo das Tormentas fosse finalmente transposto em 1488, abrindo espaço para a circunavegação que levaria aos portugueses a romper com o pêndulo que dava a primazia do comércio entre italianos⁷ e árabes.

Sem necessitar de atravessadores os comerciantes portugueses podiam adquirir especiarias sem custos dos atravessadores diretamente na Índia e lançá-los no mercado europeu mais baratas. Tal feito ocorreu no momento em que os italianos já estavam fragilizados por guerras intestinas entre suas

Portugal, nos séculos XIII viu florescer uma burguesia que tinha sua base na pequena e média aristocracia. Comercializavam do Mediterrâneo ao Mar do Norte. Desenvolveram grande experiência com o comércio de peixe seco (arenque), sal, azeite de oliva, frutos secos, mel e peles. No século XV os portugueses passaram a pescar o Bacalhau no Mar do Norte e comercializar em todas as suas rotas. Tal acontecimento foi fundamental para levar ao desenvolvimento de navios cada vez mais eficientes e permitir a expansão marítima que permitiria o pequeno reino a dominar o mundo no século seguinte.

⁶ Embora comumente se fale de forma genérica que os portugueses se aventuraram ao mar para “buscar especiarias”, essa não foi a motivação original. Ela surge ao longo do processo, principalmente pelo fato do mercado Mediterrâneo cada vez se fechar mais aos mercados portugueses. Ao estabelecerem novas rotas e desenvolver novas técnicas de navegação os portugueses tentaram romper o acordo bilateral entre as cidades italianas e árabes que dominavam o mercado mediterrânico desde a época das Cruzadas. A relação se dava da seguinte forma: comerciantes árabes compravam as especiarias – produtos de origem vegetal que serviam de condimentos – junto aos asiáticos (principalmente na Índia) e revendiam aos italianos. Por sua vez, estes revendiam a um custo altíssimo ao resto da Europa com um lucro altíssimo (em torno de 600%, ou seja, seis vezes maior que o valor original). Tendo em vista que os comerciantes portugueses cada vez se desenvolviam, mas não conseguiam acesso a esse mercado, passaram a buscar uma rota alternativa que lhes permitisse acesso às especiarias, rompendo com a necessidade do atravessador árabe. Dessa forma, em uma longa jornada, enquanto expandiam seus mercados e rotas comerciais os portugueses conseguiram circunavegar a África em 1488 e chegar à Índia em 1498. Foi um longo processo iniciado com a Tomada de Ceuta em 1415.

⁷ No presente texto quando citamos as cidades estado italianas, não estamos nos referindo à Itália atual e sim as cidades estado independentes e que tinham o maior desenvolvimento econômico nos séculos XIV e XV. Tais cidades eram autônomas, tendo cultura, idioma, leis e forças militares próprias. Também foram fundamentais para o desenvolvimento do capital financeiro. O comércio com o oriente permitiu ao acúmulo primitivo de capitais, fenômeno fundamental para o surgimento do sistema econômico capitalista. Gênova era a principal delas – por essa razão que esse processo foi chamado de *ciclo genovês de acumulação primitiva de capitais* –, seguida por Milão, Florença e Veneza. A unificação das cidades estado italianas e, por conseguinte, criação da Itália, só ocorreu em 1860.

idades estado, o que faria com que os capitais adquiridos com o comércio mediterrânico fossem transformados em capitais financeiros. De comerciantes, os italianos se transformaram em banqueiros.

Dessa forma, os italianos passaram a investir no financiamento da expansão comercial portuguesa e lucrar com os juros dos empréstimos feitos pela coroa e comerciantes lusitanos. Com essa união, Portugal passa a dominar os mares e iniciar o comércio globalizado que conhecemos hoje.

Contudo, após a queda da dinastia de Avis com a morte de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir (1578)⁸, acabou levando a perda da autonomia portuguesa, ao ter Portugal ser englobada no Império Habsburgo de Felipe II (1580), acabando com a expansão lusitana e o poderio internacional de Portugal. Após o período de sessenta anos de domínio espanhol e com o triunfo da rebelião da Casa de Bragança, tem final a União Ibérica (1640).

Ao final desse período, o novo estado independente de Portugal não representa uma sombra do que era: perdeu grande parte de seus entrepostos comerciais na África, Ásia e Oceania e a principal fonte de renda é a sua parca produção agrícola local e nas colônias⁹, o comércio de escravos¹⁰, a produção de vinhos¹¹ e,

⁸ Com a morte de Dom Sebastião, quem assumiu o trono lusitano foi seu tio avô, Henrique I, que era cardeal da Igreja Católica. Como membro da Igreja, não era casado e não deixou herdeiros diretos. Seu sobrinho, porém, era Felipe II, rei da Espanha. Na crise dinástica, Felipe II reivindicou o trono de forma violenta e a paz foi arranjada da seguinte forma: não haveria uma anexação formal do território português ao espanhol e Fernando seria coroado rei de Portugal, sendo que seu território e colônias não se tornariam províncias espanholas. No papel, Portugal manteria sua independência. Na prática isso não ocorreu, pois os espanhóis tinham controle político sobre os territórios lusitanos e Portugal sofreu violentamente durante com as guerras religiosas espanholas, principalmente a Guerra dos Trinta Anos.

⁹ A produção de açúcar no Nordeste do Brasil foi uma das grandes fontes de renda de Portugal. Era um mercado tão lucrativo que os holandeses invadiram a região para tentar dominar o centro produtor. Após sua expulsão passaram a produzir açúcar na América Central e competir com a produção lusitana no Brasil. O açúcar ainda viria a ser o principal produto de exportação do Brasil independente até a década de 1850, sendo aos poucos substituído pelo café.

¹⁰ O comércio de escravos em determinados momentos chegava a superar a da própria produção de açúcar. Ao mesmo tempo, rendia lucros apenas na forma de impostos para a coroa portuguesa, pois era feito por traficantes localizados principalmente no Rio de Janeiro.

¹¹ Para conquistar sua independência Portugal teve que negociar apoio com a Inglaterra. Das negociações surgiram uma série de tratados bilaterais entre as duas nações. O mais famoso dele é o Tratado de Methuen (1703), também conhecido como Tratado de Panos e Vinhos. Nesse acordo Portugal abdicava de sua produção

posteriormente, o ouro das Minas Gerais no Brasil.¹²

Do caos generalizado da economia lusitana, houve uma tentativa de reestruturação econômica com as medidas liberais e a tentativa de substituição do “despotismo absolutista” pelo “despotismo esclarecido” pelo Marquês do Pombal. Entre 1750 e 1785 as medidas de Pombal conseguiram dar nova vida a Portugal, diminuindo a influência perniciosa inglesa. No entanto, ao final do período Portugal retorna à condição de dependência britânica.

Aliás, a dependência se expande com a invasão napoleônica (1808), onde a estrutura governativa é translada para a colônia brasileira, ocorrendo um verdadeiro inverso da lógica mercantil, onde o centro decisório para ficar na colônia e a metrópole, passa do domínio francês para o controle de uma junta militar inglesa (1812-1821).

Diante desse fenômeno atípico no mercantilismo e da ocupação estrangeira, eclode uma revolta de comerciantes na cidade do Porto, de cunho liberal. Dom João VI é obrigado pelas cortes a retornar à Portugal e, ao longo do processo, a metrópole perde o controle da sua maior colônia e principal fonte de rendas, quando o Brasil se torna uma nação independente.

O caos se expande com a morte de Dom João VI (1826) e a posterior guerra civil (1828-1834) entre absolutistas e liberais, liderados respectivamente pelos herdeiros do trono, Miguel e Pedro. A vitória coube aos liberais, o que teria um impacto grande em todos os aspectos, inclusive no tocante ao mundo cultural, influenciando diretamente a estética do *Romantismo* que se desenvolvia em Portugal.

O ROMANTISMO LUSITANO

O *Romantismo* foi um movimento estético que vai se desenvolver em várias áreas do conhecimento, entre as últimas décadas do século XVIII e grande parte do século XIX. De forma contraditória, calcou-se em uma visão de mundo anti-racionalista e

manufatureira em troca da compra de toda a sua produção de vinhos pela Inglaterra. Dessa forma, Portugal tinha como fonte sua produção de vinhos e a renda como atravessadora dos produtos manufaturados (e depois industrializados) ingleses em suas colônias.

¹² A descoberta do ouro no Brasil ocorreu tardiamente se comparado com a América Hispânica, onde desde o início os espanhóis encontraram ouro e prata – e tal “descoberta” impulsionou a conquista dos territórios. No Brasil, ocorreu ao acaso em 1690. Mas o chamado “ciclo do ouro” teve seu apogeu entre 1720 e 1785.

anti-iluminista, e, paradoxalmente, teve como principal *lócus* um nacionalismo exacerbado em defesa da consolidação dos Estados Nacionais europeus, que eram fruto exatamente do triunfo da burguesia iluminista no período que sucedeu a Revolução Francesa (1789).

O Romantismo surgiu exatamente como um instrumento ideológico que garantiria a mudança de mentalidade social europeia, na qual a lealdade dos indivíduos por uma casa real foi substituído por uma lógica de cidadania e lealdade a um Estado Nacional. Para isso, foi preciso criar todo um discurso que criasse e justificasse uma compreensão de nacionalismo e cidadania. Para isto, criava-se de forma artificial uma “tradição” popular, muitas vezes baseada em uma reconstrução forjada do passado. Muitas vezes, tal compreensão tinha um caráter plenamente subjetivista, baseados em lendas nacionais e populares, na fé religiosa, em elementos como o sonho, a saudade e a paixão.

O Romantismo em Portugal surgiu com temas populares da cultura lusitana e, principalmente, a partir de uma reconstrução da História Portuguesa, que exaltasse e glorificasse os feitos lusitanos. Tem como pioneiro Almeida Garret (1799-1854), que tem contato com o Romantismo ao ser exilado na Inglaterra. A primeira obra romântica é o poema de Garret chamado *Camões* (1825), em que se inspira em *Os Lusíadas* para criar uma biografia poética de Luís Vás de Camões.

Porém, o Romantismo lusitano teria como principal expressão o historiador e escritor Alexandre Herculano (1810-1877).¹³ Sua obra teve grande importância para a construção da nacionalidade portuguesa dentro dos moldes liberais. Sua produção literária centralizou-se principalmente em temas vinculados à Idade Média portuguesa, na qual buscou reconstruir a imagem do guerreiro lusitano que enfrentaria qualquer dificuldade e singraria mares “nunca dantes navegados”. Sua produção histórica também centra-se nesse período. Suas duas principais obra, História de Portugal,

¹³ Alexandre Herculano teve grande participação na Guerra Civil portuguesa, tomando partido dos liberais, comandados por Pedro IV (Pedro I no Brasil). Após a guerra teve cargos burocráticos como Bibliotecário da Biblioteca do Porto, diretor da revista *O Panorama*, tendo participação em inúmeros periódicos. Foi deputado e preceptor do rei Pedro V. No entanto, Herculano preferiu afastar-se da política e dedicar-se apenas à produção intelectual. Em sua vasta produção pode-se enquadrar aquele que foi considerado o melhor romance lusitano do século XIX, *Eurico o Presbítero* (1844), assim como a obra *História de Portugal* lhe rendeu grande prestígio e o permitiu entrar para a Academia de Ciências de Lisboa (1852).

centraliza-se desde as origens do Condado Portucalense até o último rei da Casa de Borgonha, Afonso III. Período que marca a luta contra os muçulmanos e a primeira independência de Portugal.¹⁴

A MORTE DO LIDADOR E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DO GUERREIRO LUSITANO ROMÂNTICO

Como abordamos no ponto anterior Alexandre Herculano centrou sua produção intelectual – tanto histórica como literária – no período medievo. Não foi uma escolha ao acaso. O autor tinha consciência de que ali não se encontrava apenas as origens de Portugal, como o próprio “ideal” mítico para a criação da nacionalidade lusitana.

Como aponta Eric Hobsbawm, as tradições são construções mitificadas do passado, na qual elementos descontextualizados e idealizados são utilizados de forma intencional para criar artificialmente uma identidade coletiva. Portanto, o que Herculano pretendia fazer era olhar para o passado, tentando mostrar que aquele era o ideal a ser seguido pela sociedade do presente.

Claro, que o *volksgeist*¹⁵ português que estava sendo forjado atendia às necessidades do Estado Nacional Português. Dessa forma, Herculano utilizava suas duas principais armas: a Literatura e a História para conceber uma identidade a uma sociedade que tinha sérios problemas econômicos, políticos e sociais, com uma imagem abalada de si e que ainda não tinha uma consciência de *lusitanidade*.

Na obra *Lendas e Narrativas* (1851) Alexandre Herculano reúne uma série contos apresentando elementos da cultura lusitana. No conto *A morte do Lidador*, o autor explora a questão da imagem do guerreiro português, forjado a partir das lutas contra os muçulmanos em defesa da cristandade.

¹⁴ O Romantismo Português ainda teve duas outras fases. A segunda tem como principal expressão Camilo Castelo Branco e caracteriza-se por um “ultra romantismo” na qual ocorre uma radicalização das propostas originais do Romantismo Lusitano e um individualismo: egocentrismo, melancolia e obsessão com a morte. A terceira geração tem como interprete mais destacado Julio Dinis, na qual os excessos da fase anterior são retirados e diminui a dramaticidade dos acontecimentos e exposição de sentimentos.

¹⁵ O termo *volksgeist*, literalmente “espírito do povo”, foi atribuída ao filósofo Johann Gottfried Herder. Porém, foi cunhada por Hegel em 1801. Seria a identidade máxima de uma nação. Ou seja, um ideal que forjava a identidade cultural nacional.

O conto aborda o mito de Gonçalo Mendes da Maia, cavaleiro português, conhecido como O Lidador, que teria perecido diante dos muçulmanos na cidade do Baixo Alentejo, chamada Beja em 1170.

De acordo as lendas locais no dia de seu aniversário de noventa e um anos, o Lidador teria liderado uma coluna de cavaleiros portugueses contra os muçulmanos na cidade de Beja. Apesar de idoso, Gonçalo Mendes da Maia consegue derrotar o líder muçulmano. Esta morte teria feito as forças muçulmanas se desorganizarem e mesmo tendo inferioridade numérica os portugueses venceram a batalha. No final, o Lidador morre pelos ferimentos.¹⁶

A escolha de Gonçalo Mendes da Maia como herói não foi ao acaso. Era cultuado pela população local como um grande guerreiro e lembrado por seus feitos durante gerações. Tinha a mística semelhante a de Rodrigo Díaz de Vivar, El Cid, e como este, era reconhecido por seus feitos na luta da Reconquista.

Com o Lidador, Herculano poderia fazer toda a crítica aos jovens portugueses de seu tempo e ainda criar um modelo a ser seguido:

Quem hoje ouvir recontar os bravos golpes que no mês de julho de 1170 se deram na veiga da frontaria de Beja, notá-los-á de fábulas sonhadas; porque nós, homens corruptos e enfraquecidos por ócios e prazeres da vida afeminada, medimos por nosso ânimo e forças as forças e o ânimo dos bons cavaleiros portugueses do século XII; e todavia, esses golpes ainda soam, através das eras, nas tradições e crônicas, tanto cristãs e agarenas. (HERCULANO, 1952, p. 281-282)

Perceba-se que o autor coloca os homens de seu tempo como corruptos e enfraquecidos, afeminados. Como se no passado mítico estivesse a verdadeira força lusitana. Ideal de todos os valores. Em outro trecho fica nítida a imagem da força do guerreiro lusitano do passado:

Enfileirados em extensa linha, os cavaleiros árabes saíram à rédea solta de trás da escura selva que os encobria: seu número excedia cinco vezes o dos soldados da cruz: e suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro e por grossas cotas de malha do mesmo metal. Mas as lanças destes eram mais robustas, e

¹⁶ Na cidade de Maia, onde teria nascido o Lidador, a população presta homenagens ao cavaleiro. Na cidade de Beja, existe uma estátua em homenagem ao idoso guerreiro.

as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gótico-romana iam, ainda mais uma vez, provar-se-ia com a destreza e com a perícia árabes. (HERCULANO, 1952, p. 275)

Herculano remete-se nesse trecho na espinha dorsal do período medievo: a união do mundo romano em decadência com o mundo germânico em ascendência. Ao enquadrar os portugueses como herdeiros da força dessas duas tradições, encarnava no *volksgeist* lusitano um passado glorioso.

Como fica nítido, a força física é o norte da virilidade que o autor credita aos portugueses, que seriam temidos e reconhecidos pelos seus inimigos:

Defronte deles, os trinta cavaleiros portugueses, com trezentos homens d'armas, pagens e escudeiros, cobertos de seus escuros envoltórios, e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos, diante da cópia de infieis que os esperavam, diria que, não com brios de cavaleiros, mas com fervor de mártires, se ofereciam a desesperado trance. Porém, não pensava assim o Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a temperadas espadas e lanças portuguesas e a rijeza dos braços que as meneavam. (HERCULANO, 1952, p. 275)

Como síntese do espírito guerreiro lusitano Gonçalo Mendes da Maia é apresentado ao leitor a partir de sua própria fala:

“PAGENS! Que arreiem o meu ginete murzelo; e vós daí-me o meu lorigão de malha de ferro e a minha boa toledeana. Senhores cavaleiros, hoje contam-se noventa e cinco anos que recebi o batismo, oitenta que visto armas, setenta que sou cavaleiro, e quero dar celebrar tal dia fazendo uma entrada por terras da frontaria dos mouros” (HERCULANO, 1952, p. 269)

Ou seja, o guerreiro lusitano era forjado desde cedo na lida das armas e na guerra. O espírito guerreiro estaria na gênese gótica e romana dos portugueses.

“Voto a Cristo – atalhou o Lidador – que não cria eu que o senhor rei me houvesse posto nesta torre de Beja para estar assentado à lareira da chaminé, como velha dona, a espreitar de quando em quando por uma seteira se cavaleiros mouros vinham correr a barbaça, para lhes cerrar as portas e ladrar-lhes do cimo da torre da menagem, como usam os vilãos. Quem achar que são duros de mais os arneses dos infieis pode ficar-se aqui.” (269-270)

Na batalha, o Lidador enfrenta o Almoleimar, o mais bravo dos guerreiros mouriscos. Um combate violento entre o idoso guerreiro lusitano e o guerreiro cheio de destrezas muçulmanas.

Semelhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou entre os cristãos e os mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro. As espadas reluziram no ar; mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu à violenta estocada; e o sangue, saindo às golfadas, cortou a última maldição do agareno.

Mas a espada desse também não errara o golpe: vibrada com ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho fronteiro e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso. Ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue árabe.

“Perro maldito! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que sua cervilheira.”

E, dizendo isso, o Lidador caiu amortecido. (HERCULANO, 1952, p. 277-278)

O guerreiro lusitano – herdeiro das tradições góticas e romanas –, forjado na guerra e na violência, apresentado de forma heróica, foi o “exemplo” utilizado por Herculano, na qual objetivava que fosse o “modelo ideal” para a sociedade portuguesa de seu tempo (e que deveria ser seguido). A escolha da história do cavaleiro medieval lusitano Gonçalo Mendes da Maia não foi aleatória. O autor buscou um herói popular que representava todos os valores de um passado glorioso e que deveriam ser “reconstruídos” na sociedade lusitana para qual o conto foi escrito.

Quando analisamos historicamente uma sociedade, percebemos que existe um intrincado jogo de interesses no “tabuleiro” social. Economia, política, cultura e religião são as peças que são movimentadas nesse “tabuleiro”. Algumas são movidas por interesses, outras de forma casual no roldão dos acontecimentos, resultando em uma “teia” caótica que se chama História.

No caso do Romantismo português, precisamos compreender o contexto histórico do seu desenvolvimento, desde a formação de uma consciência de lusitanidade por parte da sociedade da época, aos interesses dos intelectuais e políticos envolvidos na (re)construção da imagem de Portugal.

Em um momento de trevas e desilusões, em um caos político, econômico e social, Alexandre Herculano buscou, através do

passado, resgatar uma imagem de Portugal, criar uma consciência de cidadania portuguesa e, artificialmente, forjar uma identidade cultural. Fez isso utilizando a História e a Literatura.

A *morte* do Lidador, para Alexandre Herculano, representava uma possibilidade de *vida*, ao tentar incutir na sociedade lusitana aqueles ideais que compreendia como nobres e que deveriam ser resgatados para uma nova sociedade.

Aos pósteros fica o difícil trabalho de analisar tais acontecimentos e compreender estes fenômenos que ocorreram em algum lugar do passado.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Jacinto. *Alexandre Herculano Jornalista*. Amadora: Bertrand, 1977.

BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa: O Romantismo*. Mem Martins: Europa-América, s/d.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental: O romantismo* (vol. 5). Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

CHAVES, Castelo Branco. *O romance histórico no Romantismo português*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1979.

COELHO, António Borges. *História de Portugal: Donde Viemos* (vol. 1). Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

_____. *História de Portugal: Portugal Medieval* (vol. 2). Lisboa: Editorial Caminho, 2011.

_____. *Alexandre Herculano*. Lisboa: Editorial Presença, 1965.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FERREIRA, Rogério de Souza Sérgio; PEREIRA, Terezinha Maria Sher (orgs). *Literatura & Política*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2012.

HERCULANO, Alexandre. *Lendas e Narrativas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952. HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MACEDO, Jorge Borges de. *Alexandre Herculano, Polémica e Mensagem*. Amadora: Betrand, 1980.

PAIGE, Martin. *Portugal e a Revolução Global*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

PINTO, António Costa. *História Contemporânea de Portugal: O colapso do Império e a Revolução Liberal (1808-1824)*. Lisboa: Editora Objectiva, 2014.

SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *Herculano e a Consciência do Liberalismo Português*. Amadora: Bertrand, 1977.

TENGARRINHA, José (org). *História de Portugal*. São Paulo: UNESP, 2001.

Recebido em 21/07/2017

Aprovado em 28/08/2017

